IDENTIDADE MASCULINA: UM TRABALHO COM HOMENS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

MALE IDENTITY: A JOB WITH MEN IN A SITUATION OF DOMESTIC VIOLENCE

IDENTIDAD MASCULINA: UN TRABAJO CON HOMBRES EN SITUACIÓN DE VIOLENCIA DOMESTICA

Fernando César Paulino-Pereira(*)
Lucas Augusto Ribeiro(**)

Resumo: Este trabalho de Psicologia Social teve por objetivo realizar uma análise da identidade masculina e sua relação com a violência doméstica através de escutas terapêutico-educativas. Para cumprir tal estudo foram entrevistados dez homens em conflitos conjugais registrados pela DEAM (Delegacia especializada no atendimento a mulher) do município de Catalão-Goiás. Utilizou-se da formulação da Teoria da Identidade por Antônio da Costa Ciampa, partindo da premissa de que a identidade é formada a partir das representações e experiências advindas das relações sociais. Foram analisadas as participações dos sujeitos: A.C; R.C.B; A.N.C e A.P.S. Os resultados apontam para a existência de uma reprodução por parte dos participantes do modelo hegemônico de masculinidade que tenta justificar a violência de homens contra mulheres apoiados na concepção de que homens podem bater e mulheres devem apanhar. O trabalho enfocando o conceito analítico de identidade permitiu observar que a identidade masculina é construída de modo individual e cultural, podendo o sujeito vir a representar diversos modelos impostos pelas relações sociais, necessitando do processo de emancipação para revisão de condutas e adoção de novas posturas.

Palavras-chave: Identidade, Homens, Violência, Gênero, Análise.

* Fernando César Paulino-Pereira é graduado em Psicologia - pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000), graduação em Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista (1994), é mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1999) e doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Atualmente é presidente da Associação dos Docentes do Campus Catalão e docente da Universidade Federal de Goiás. E-mail: epifania.cps@gmail.com

** Lucas Augusto Ribeiro é estudante do curso de Psicologia (Bacharel e Licenciatura) pela Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão, desde 2009. Atualmente,é aluno-pesquisador bolsista CNPQ sobe a orientação do Drº Fernando César Paulino Pereira no projeto de pesquisa "Identidade e Violência: Intervenção em Processos Grupais e a Questão da Identidade de Homens em Situação de Violência". E-mail: lucas.xnd@hotmail.com

Abstract: This work of social psychology aimed to perform an analysis of masculine identity and its relationship with the domestic violence through therapeutic and educational listening. To fulfill this study, ten men were interviewed in marital conflicts recorded by DEAM (Delegacy specialized in caring for women), in Catalão-Goiás. We used the formulation of the Theory of Identity by Antonio da Costa Ciampa, on the premise that identity is formed from the representations and experiences arising from social relations. We analyzed the holdings of subjects: AC; RCB; ANC and APS. The results indicate the existence of a reproduction of the participants of the hegemonic model of masculinity that seeks to justify the violence of men against women supported by the idea that men can slap and women can take it. The work focusing on the analytical concept of identity has observed that male identity is built individually and culturally, the subject may come to represent different models imposed by social relations, requiring the emancipation process for review of conduct and adopt new attitudes.

Keywords: Identity, Men, Violence, Gender, Analysis.

Resumen: Este trabajo de Psicología Social tuvo por objetivo realizar un análisis de la identidad masculina y su relación con la violencia domestica a través de escuchas terapéutico-educativas. Para cumplir tal estudio fueron entrevistados diez hombres en conflictos conyugales registrados por la DEAM (Delegación especializada en atención a mujer) del municipio de Catalão-Goiás. Se utilizó de la formulación de la Teoría de la Identidad por Antonio da Costa Ciampa, partiendo de la premisa de que la identidad es formada a partir de las representaciones y experiencias advenidas de las relaciones sociales. Fueron analizadas las participaciones de los sujetos: A.C; R.C.B; A.N.C e A.P.S. Los resultados apuntan para la existencia de una reproducción por parte de los participantes del modelo hegemónico de masculinidad que intentan justificar la violencia de hombres contra mujeres apoyados en la concepción de que hombres pueden golpear y las mujeres deben coger. El trabajo enfocando le concepto analítico de identidad permitió observar que la identidad masculina es construida de modo individual y cultural, pudiendo el sujeto venir a representar diversos modelos impuestos por las relaciones sociales, necesitando del proceso de emancipación para revisión de conductas y adopción de nuevas posturas.

Palabras-clave: Identidad, Hombres, Violencia, Género, Análisis.

Introdução

Este trabalho é fruto da participação de alunos do curso de Psicologia da UFG/CAC, nos anos 2010 e 2011, no projeto "Identidade e Violência: Intervenções em Processos Grupais e a Questão da Identidade de Homens e Mulheres em Situação de Violência". Tais alunos eram vinculados aos Programas de Iniciação Científica PIBIC e PROLICEN. O trabalho aqui retratado não se propôs a fazer uma intervenção diretamente ligada às mulheres,

e sim aos tidos como "agressores", ou seja, *homens em situação de violência doméstica*. As intervenções foram desenvolvidas de acordo com crimes registrados pela DEAM – Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher – do município de Catalão – Goiás.

O presente artigo teve por objetivo realizar análise da identidade masculina, a partir de pesquisa-ação, juntamente com homens em situação de violência doméstica e de gênero; bem como verificar como esta identidade construída socialmente se relaciona com a prática da violência, destacando aspectos culturais que surgem ao longo do processo de socialização dos sujeitos em questão. Buscou-se possibilitar uma intervenção que auxilia na construção de novas posturas e na reflexão para a aquisição de valores que se opõem aos antes interiorizados.

O interesse por realizar um estudo com os autores das agressões se deu pelo fato de haver poucas pesquisas com os mesmos, além de ter sido verificado a necessidade de ações e reflexões junto à população masculina em prol da diminuição dos índices de violência doméstica. Também é ponto influente o fato de a violência doméstica ser considerada atualmente um dos principais problemas de saúde pública no Brasil e no mundo, afetando a população tanto em âmbito individual quanto em âmbito coletivo.

Para a Psicologia de uma maneira geral, é importante que se coloque em debate as causas cotidianas que modificam e alteram a subjetividade dos indivíduos, colaborando para o entendimento das problemáticas advindas das relações sociais. Neste sentido, acredita-se que o trabalho é cientificamente relevante, pois permite a ampliação de discussões sobre a temática da violência doméstica e sobre a categoria analítica da "Identidade" no âmbito dos estudos de Psicologia Social, visto que tal área de se propõe a estudar o ser humano em suas diversas características psicológicas, sociais e culturais.

O estudo é socialmente importante, pois parte da concepção de que se torna necessário abranger a população masculina além da posição de agressores, situando-os em um contexto onde predomina a socialização construída culturalmente com características específicas como: ausência de diálogo, diferenças nas relações de gênero, resolução de problemas através da violência e na dificuldade de expressão de sentimentos e afeto.

Assim, a presente intervenção procurou possibilitar aos participantes uma visão critica dos aspectos culturais existentes na reprodução dos papéis de gênero, buscando propiciar o aparecimento de características subjetivas, através dos relatos, de cada sujeito. Sendo assim, um instrumento para coleta de dados que são interessantes para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

No Brasil, a relação entre homens e mulheres revela desigualdades culturais de dominação e subordinação relacionadas às diferenças de gênero. Partindo deste ponto e com o intuito de compreender como se dá a violência

contra a mulher é preciso analisar os processos de socialização masculina e feminina, as significações e representações culturais de tal processo na sociedade. Um estudo realizado na cidade do Rio de Janeiro aponta que 40% dos homens já fizeram uso de algum tipo de violência (física, psicológica ou sexual) ao menos uma vez contra sua parceira (Acosta e Barker apud DEEKE ET AL, 2009, p. 249).

Segundo Minayo (apud LIMA; BÜCHELE; CLÍMACO, 2008, p. 75) a violência de gênero é um fenômeno biopsicossocial e se articula com questões políticas, econômicas, morais, psicológicas, institucionais, das relações humanas e de plano pessoal. Somando a esse fato, é também possível afirmar que, em sua maioria, os homens são ensinados a reprimir suas emoções, não demonstrando afetividade e utilizando-se do poder e da agressão para se autodenominar enquanto machos, enquanto mulheres são educadas para apresentar fragilidade, submissão, sensibilidade.

Segundo Júnior (2009, p. 06) a masculinidade construída socialmente é um dos graves problemas que existe na cultura brasileira, praticada e pensada a partir da agressividade, competição, força, valentia, heroísmo, coragem, entre outros valores a serem exaltados. A violência dos homens contra as mulheres, ainda para o autor (2009, p. 07) constitui como uma das várias formas de violência contra a própria subjetividade masculina, onde os indivíduos se veem violentados para se tornar homem. A violência sofrida é refletida em forma de agressão para com os outros, tidos como mais frágeis, tais como crianças e mulheres.

A criação da Lei 11.340 – Lei Maria da Penha – que dispõe de mecanismos para coibir a violência contra a mulher, tal como explicitado anteriormente, representa um marco para o debate da violência. Sabe-se que punições e restrições carcerárias não transformam de maneira isolada o ideário masculino criado e reproduzido coletivamente, sendo necessária a criação de outras formas de intervenção com homens em situação de violência doméstica. É importante, portanto, a formulação de intervenções que atuem no plano da consciência dos indivíduos.

Segundo Lima, Büchele e Clímaco (2008, p. 73) a crescente inserção da questão do gênero em debates sobre direito e saúde pode apresentar como reflexo uma maior sensibilização para as desigualdades existentes entre homens e mulheres e para a violência contra a mulher, contribuindo assim para a desmistificação de mitos e preconceitos. Dando continuidade, será apresentada a seguir a questão da identidade humana enquanto categoria específica de estudo.

A questão da identidade humana

Segundo Lane (2004, p. 84), o ser humano, ao nascer, necessita ser inserido em um processo de socialização para se tornar membro de uma

sociedade. Este passará, portanto, por socialização primária e secundária. A socialização primária ocorre dentro do contexto familiar, onde o sujeito internaliza aspectos que são decorrentes da classe social, da percepção de mundo, valores morais, sociais e institucionais. A socialização secundária leva o sujeito a internalizar as complexidades das relações de produção, fazendo com que este tente se encaixar em subdivisões do mundo concreto e as representações ideológicas da sociedade. Desta forma, suas opiniões, seus ideais, valores e ações passam a corresponder às expectativas geradas por uma estrutura social, o que leva o sujeito à alienação.

Complementando a teoria supracitada, Paulino-Pereira (2006, p. 59) afirma que os seres humanos desempenham papéis sociais aprendidos e transmitidos pelos processos de socialização, que visam garantir a não alteridade das relações sociais e de produção em que o homem vive. Ainda para o autor (2006, p.59):

> […] ao refletir sobre as contradições e as atividades desempenhadas na produção da vida material, o homem faz com que ações subsequentes resultem num avanço do processo de conscientização.

Para compreender a "Identidade Humana" utilizou-se da teoria da Identidade desenvolvida por Antonio da Costa Ciampa (2004). Por meio deste, é possível analisar como se dão os papéis executados pela sociedade, tarefa que é relevante, pois revelam as mediações que existem entre as significações, objetivadas por uma sociedade e o modo pelas quais essas significações são apropriadas subjetivamente pelos indivíduos e como tais papeis fazem sentido para os mesmos.

Segundo Ciampa (2004, p. 70), a Identidade Humana pode ser definida como "metamorfose", sendo um processo constante de formação e transformação, ou seja, a "Identidade" não é algo fixo ou imutável, está sempre se repondo, no exercício de diferentes papéis de acordo com as condições materiais e históricas dadas. A questão da Identidade não pode, segundo o mesmo autor (2005, p. 132), ser analisada somente no âmbito da ciência, pois remete de maneira aglutinada a questões morais, políticas, culturais, econômicas e ideológicas. Todos estes elementos são importantes para a caracterização de um indivíduo, identificando-o, assim como a representação simbólica e social que expressa sua identidade.

Para Ciampa (2004, p. 67) embora os indivíduos sejam uma totalidade, o que é apresentado como existência concreta destes é a "unidade da multiplicidade" em algum momento. Neste sentido,

> […] cada indivíduo trás consigo inúmeros papeis ao longo da vida: o filho que é filho e que também é pai ou a mãe que mãe e também é filha, dessa forma, cada posição determina a existência concreta da unidade de uma multiplicidade, porém, ninguém

> se apresenta com apenas um papel fixo e determinado: um filho pode não ver o pai apenas como pai e nem o pai pode ver o filho apenas como o filho. (Ciampa, 2004, p.67).

O processo de emancipação humana ocorre, segundo o autor (2005, p. 143) a partir do momento que o indivíduo deixa de apresentar uma visão cristalizada da Identidade e passa a entendê-la enquanto metamorfose, configurando a igualdade e diferença, movimento e transformação. O autor apresenta a Identidade enquanto constructo social resultante da dialética entre a relação indivíduo e sociedade, sendo a mesma, uma condição decisiva para que ocorra a "emancipação humana"[1].

A constituição de autonomia por parte do sujeito acontece quando este consegue vivenciar seus papéis perante a sociedade de forma diferente dos modelos convencionais impostos pelo momento histórico (Paulino-Pereira, ano, p. 64, 2006). Neste sentido, Ciampa (2005, p.154) trabalha com o conceito de "representação de personagens" através dos papéis desempenhados pelos sujeitos, a partir do pressuposto que a realidade é criada e representada por personagens que vão se constituindo e ao mesmo tempo constituem seu espaço de relações.

Deste modo, os indivíduos, durante suas vidas, encarnam personagens e desempenham papéis constantemente, escolhem e são escolhidos para representar, ocupar posições na divisão sexual e social do trabalho e da distribuição especifica de conhecimento, aprendendo normas e valores (PAULINO-PEREIRA, 2006, p. 59). Portanto, é preciso considerar que os homens não nascem violentos, mas tornam-se violentos de acordo com os processos de socialização ao qual são submetidos ao longo da vida. "O "eu" se forma através das relações sociais pela qual o indivíduo, desde a primeira infância, observa e aprende a desempenhar diferentes papéis". (MENDES; PAULINO-PEREIRA; SOARES, 2008, p. 33).

Desta maneira pode ser dizer que a Identidade reflete a estrutura social ao mesmo tempo em que reage sobre ela conservando-a ou transformando-a. Segundo Paulino-Pereira (2006, p. 65) a identidade coletiva é constituída através do tempo e atravessa momentos em que podem se estabilizar (reposição) ou se transformar (superação), bem como, se deteriorar (degradação). Neste sentido, Ciampa (2005) apresenta os conceitos de *mesmidade* e *mesmice*: a mesmidade corresponde ao movimento e a plasticidade na qual se dá a "Identidade" pelo fato de existir reflexão sobre o que se tem sido e o que pode vir-a-ser (devir), enquanto mesmice representa tudo aquilo que se pode ser sem a mediação da reflexão, tornando-se uma "mesmice de si imposta".

[1] O conceito de emancipação humana é apresentado pela Teoria da Identidade de Ciampa como uma não condição de alienação, como condição para enfrentar as coerções sociais a partir da ordem particular.

Segundo Paulino-Pereira (2006, p.68):

> […] muitas pessoas são tolhidas de se transformar, ou seja, são forçadas a reproduzir-se como réplicas de si, involuntáriamente, a fim de preservar interesses estabelecidos e situaçãoes convenientes ao sistema.

Portanto, a identidade é um interminável fluxo de definição de si mesmo. Para o autor (2006, p. 67), pode-se ressaltar que a identidade é construída por elementos de contradição, diferença e igualdade[2], ocultação e surgimento, objetividade e subjetividade, enquanto representação de ser e estar no mundo, e por tal, é um movimento dialético.

Trás, portanto, a questão do processo de formação e transformação da identidade como central para o processo de vida humana, uma vez que implica na reprodução da cultura, da sociedade e do próprio indivíduo que só se humaniza através da metamorfose, que o emancipa da condição animal. Assim, serão apresentados a seguir, os caminhos percorridos para contemplação dos objetivos aqui propostos.

Metodologia

A **primeira** etapa do trabalho[3] consistiu em um levantamento bibliográfico sobre o tema e foram realizadas visitas na sede da DEAM – Delegacia Especializada no Atendimento a Mulher – do município de Catalão/Goiás. Os serviços desta unidade começaram a ser implantados no município de Catalão em fevereiro de 2004 e no primeiro semestre de 2009 ganharam sede própria. O município de Catalão consta com aproximadamente 86.647 habitantes, de acordo com informações do Censo IBGE – 2010.

Diariamente, a DEAM - Catalão atende casos de ameaças (verbais e à integridade física), agressões (físicas, psicológicas), sendo a maioria entre conjugues (namorados, maridos, ex-namorados e ex-maridos) contra a "vítima" mulher. A **segunda** etapa consistiu, por meio de pesquisa-ação, na tentativa de realização de grupos terapêutico-educativos com homens em situação de violência doméstica, porém, devido a não adesão dos participantes ao grupo, foram realizados escutas terapêutico-educativas individuais.

Segundo Tripp (2005, p.465), é importante que se reconheça a pesquisa-ação como uma das inúmeras formas de investigação-ação, que siga

[2] O sentido de "diferença e igualdade" aqui retratado faz jus ao primeiro nome (prenome) que diferencia o indivíduo do restante do grupo familiar, e ainda ao sobrenome que iguala o indivíduo como pertencente ao grupo. O nome para a Teoria da Identidade Humana é apenas predicativo de algo e não é compreendido como sendo a identidade propriamente definida.

[3] Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Goiás.

um ciclo na qual se aprimora o agir no campo da prática, o conhecimento da realidade a ser estudada, observada e refletida. Assim, ainda segundo Tripp:

> [...] embora a pesquisa-ação tenda a ser pragmática, ela se distingue claramente da prática e, embora seja pesquisa, também se distingue claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque a pesquisa-ação ao mesmo tempo altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática [...] (2005, p.447).

Através deste método e com a proposta de ação educativa e escuta terapêutica, conhecer a realidade figurada só é possível de acordo com o envolvimento dos participantes no processo de mudança. Entretanto, só conhecer a realidade não é suficiente para o processo visto que outras modalidades de pesquisa realizam tal tarefa. Na pesquisa-ação o participante é conduzido à produção do próprio conhecimento e se torna o sujeito ativo dessa produção.

O papel do autor/pesquisador, nesta forma de intervenção, é criar espaço para que os participantes descarreguem suas emoções e seus sentimentos de acordo com as vivencias cotidianas. Ao mesmo tempo em que ouvir, o pesquisador deve obter uma atenção flutuante, concentrada e aberta para os dados que serão apresentados, para que se tenha uma maior consciência da pratica atuando no campo de pesquisa. Após a segunda etapa, a partir das leituras e escutas terapêutico-educativas já realizadas elaborou-se um diário de campo para que os pontos principais de analise não fossem descartados, assegurando a importância dos dados coletados.

Os sujeitos

Foram entrevistados 10 homens em situação de violência doméstica, todos classificados como "agressores". Em um primeiro momento buscou-se esclarecer os objetivos do trabalho, assegurando os participantes do sigilo das informações ali mencionadas. Após os devidos esclarecimentos os participantes, se adeptos, assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O próximo passo consistiu no entendimento do problema posto naquela situação policial registrado em inquérito, proporcionando aos participantes uma escuta, que em muitos momentos, estava carregado de afeto.

O participante possuía livre espaço para expressão de seus sentimentos, sem nenhuma situação de julgamento de valores. Ao final das escutas, o participante assinava o recibo de participação, onde estava ciente do compromisso e da importância de uma participação sequente. Em algumas escutas atividades lúdicas de intervenções foram utilizadas, a fim de fazer com que os participantes expressassem seus sentimentos, opiniões, desejos, vontades, ideias, etc. A primeira atividade proposta para o participante requeria

que este desenhasse uma família e atribuísse papeis para cada membro que o desenho continha, a fim de possibilitar a análise de como o participante entendia os papéis sociais de cada sujeito. A segunda atividade consista na atribuição positiva (qualidades) e negativa (defeitos) pelo participante à vítima em questão. Posteriormente as questões negativas, indagava-se como seria, portanto, o ideal para que o relacionamento do casal fluísse de forma mais harmônica.

Após o termino de cada escuta realizada, os dados coletados eram registrados no diário de campo. Segundo Pelissari (1998, p. 01) utilizar o "Diário de Campo" consiste em uma maneira de registrar os acontecimentos presenciados e vividos. Trata-se de um recurso metodológico individual, na qual posto em situação especifica retrata o que se olha, como se olha e o que faz com o que se está olhando. O quadro a seguir apresenta uma melhor explanação dos dados sobre os participantes da pesquisa ao longo do segundo semestre do ano de 2011:

Participante:	01	02	03	04
Nome:	A. C.	R. C. B.	L. R. S.	J. M.
Idade:	32	45	33	41
Profissão:	Pedreiro	Mecânico	Instrutor de autoescola	Eletricista
Escolaridade:	2º grau incompleto	2º grau incompleto	Superior incompleto	2º grau completo
Grau de relacionamento com a vítima:	Marido	Amante	Namorado, porém, moram juntos.	Amante
Tipo de crime cometido:	Violência física	Violência física	Violência física	Ameaça
Tempo de relacionamento:	7 anos	3 anos	2 anos	1 ano
Número de escutas:	02	08	02	01
Reincidente:	Sim	Não	Não	Não
Mês de acompanhamento:	Novembro e Dezembro de 2011	Setembro, Outubro e Novembro de 2011	Outubro de 2011	Novembro de 2011

O quadro a seguir apresenta os dados referentes aos participantes da pesquisa ao longo do primeiro semestre do ano de 2012:

Participante:	01	02	03	04	05	06
Nome:	A. C. O.	J. C. B. S.	F. P. A.	J. C. S.	A. N. C.	A. P. S.
Idade:	38	40	25	40	31	31
Profissão:	Pedreiro	Moto-taxista	Estu-dante	Pedreiro	Bombeiro-Militar	Padeiro
Escolaridade:	2º grau in-completo	2º grau incom-pleto	2º grau completo	2º grau incompleto	Superior incompleto	2º grau in-completo
Grau de rela-cionamento com a vítima:	Marido	Marido	Namo-rado	Marido	Ex - ma-rido	Marido
Tipo de crime cometido:	Ameaça e violência física	Ameaça	Ameaça	Violência física	Ameaça	Ameaça e violência física
Tempo de rela-cionamento:	7 anos	5 anos	5 meses	2 anos	3 anos	3 anos
Número de escutas:	01	01	01	02	02	02
Reincidente:	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Mês de acom-panhamento:	Janeiro de 2012	Fevereiro de 2012	Fevereiro de 2012	Fevereiro de 2012	Março de 2012	Março de 2012

De acordo com as tabelas expostas acima, optou-se pela realização de um recorte dentre os participantes que mais se envolveram com a pesquisa, de tal modo que os dados de analise a serem discutidos a seguir englobem as participações dos seguintes:

Participante: A. C.	Participante: R. C. B.	Participante: A. N. C.	Participante: A. P. S.

Neste sentido, torna-se importante discutir e compreender como se deram as perspectivas sobre "violência e gênero", trabalhadas ao longo das escutas com cada participante.

Participante: A.C.

O sujeito e sua esposa se conheceram há mais de sete anos em uma cidade do interior de Minas Gerais. Ao longo do período em que decidiram morar juntos, A.C. e sua esposa tiveram inúmeros desentendimentos, incluindo agressões físicas (socos, tapas, empurrões) e psicológicas (xingamentos) de ambas as partes. Algumas destas ocorrências não tiveram intervenção policial, outras sim (sendo sempre solicitada pela vítima), o que , em certa ocorrência, causou a prisão temporária de A.C.

O motivo relatado por A.C. para ter cometido a agressão contra sua esposa giravam em torno do "comportamento feminino (*tido como*) inadequado", como pode ser exemplificado pela seguintes fala: "[…] não posso

deixar minha mulher falar assim comigo... ela fica me xingando, então prefiro sair de perto, sair pra rua, pra não ter confusão" (A.C).

Percebe-se embutida na fala de A.C. a concepção de que o homem é superior à mulher e por isto necessita ser respeitado por ela. Segundo Ferrari (apud ROSA et al., 2008, p. 156):

> […] a necessidade de dominação e o controle sobre o parceiro é a força principal que alimenta os desentendimentos entre os casais. Desta forma, as diferenças entre homens e mulheres na sociedade são convertidas em relações de desigualdade, com configuração de hierarquias, onde predomina uma subordinação masculina, formando uma estrutura social discrepante entre homens e mulheres.

A utilização de violência faz com que A.C. perca aspectos importantes de sua identidade, de sua autonomia, da livre expressão de sentimentos, afetos, vontades e desejos. Segundo Ciampa (2005), a violência prejudica o processo emancipatório, desumanizando o que deveria tomar o caminho da humanização.

Com relação a sua história de vida, A.C. disse que nunca foi próximo de seus familiares, tendo apenas contato com sua mãe, que já está idosa e doente. Não teve laços estreitos com seu pai na infância. Não completou os estudos e sempre "se virou" para se sustentar. Ele, então, vincula isso ao conflito vivenciado por este com o sobrinho de sua esposa, pois segundo A.C: "[...] esse rapaz aí, não quer saber de nada, só quer saber de comer e dormir, já foi expulso da escola algumas vezes, é muito encrenqueiro".

O participante apresentava dificuldade em falar do passado e expressar seus afetos para com as pessoas ao seu redor. Neste sentido, lhe foi proposto participar de uma atividade lúdica[4] a qual consistia na formulação de um desenho que representasse uma família, com livre escolha para quantidade de membros, sexo, e, ao final, era tarefa de A.C distinguir características e funções para cada personagem.

A.C desenhou 3 personagens – sendo um pai, uma mãe e um filho - o pai[5] deveria trabalhar para manter a família e zelar pelos filhos. Com relação à mãe, o participante relatou que ela deveria evitar "ficar de brigaiadas" na frente dos filhos. Nesta ocasião, foi questionado ao participante se o casal retratado vivenciava as 'brigas' como algo do cotidiano, e, se sim, por quais motivos o casal brigava. O participante não soube responder; pensativo, preferiu ficar em silêncio.

Entendemos o silêncio do participante como algo favorável à proposta realizada pela atividade. Segundo Ciampa (2005) novos significados vão sendo dados e interiorizados na construção de nova identidade a cada reposição e resignificação atribuída a esta. A proposta de mudança mostra

[4] Para facilitação de afetos e expressões emocionais.

[5] Segundo as próprias perspectivas do participante.

ao participante que é possível modificar a própria história de vida e as relações sociais, transformando o modo de 'olhar para si'. Para Ciampa (2005), a identidade é um processo continuo de representações.

Participante R. C. B.

O sujeito em destaque configurou-se como peça motivadora para realização da presente pesquisa, pois compareceu o maior número de vezes às escutas terapêutico-educativas na sede da DEAM. Este é casado há mais de vinte anos e com um enorme histórico de relacionamentos extraconjugais, sendo inclusive por conta de tais relacionamentos que veio a ser classificado como "autor" de violência contra mulher. Veio à delegacia por ter agredido sua "amante", em um dia na qual os dois se desentenderam.

Segundo R.C.B. a briga aconteceu pelo fato de sua "amante", por motivos de ciúmes, ter danificado seu carro, quebrando o vidro dianteiro e o retrovisor, além de ter lhe ameaçado com uma faca. Segundo R.C.B. este só tentou retirar a faca da mão da *amante* e por isto a enforcou e a empurrou para que conseguisse escapar da residência onde estavam. Esta atuação foi a primeira que o levou para a delegacia, porém, já haviam ocorrido algumas situações de agressões físicas com esta e outras amantes, tendo sido, inclusive, esfaqueado por uma delas.[6]

O participante R.C.B. relatou que passou a infância longe de sua mãe, sendo criado/educado pelos avôs, tios e irmãos em uma fazenda, disse que o pai era então delegado, um homem muito violento e que por vezes agredia sua mãe. R.C.B. disse nunca ter presenciado as agressões, só as ouvia serem contadas por própria mãe. Percebe-se que o participante R.C.B. desenvolveu-se em um círculo social que o faz reproduzir de forma semelhante o papel que seu pai vivia anteriormente, em outro momento histórico. Segundo Ciampa (2005) o indivíduo é levado a reproduzir uma identidade involuntariamente por força dos processos sociais que tem como padrão em suas vivencias cotidianas.

O sujeito diz ter se casado sem vontade, mas que não se arrepende de ter entrado em um relacionamento sério tão jovem (com 22 anos), disse também que se sente a vontade na posição atual. Nas falas de R.C.B., observamos que as mesmas refutam tal constatação, com relação à fidelidade, o participante disse que após um período longo de relacionamento: "[...] o homem é como o galo, pode "comer" todas as galinhas e as mulheres são como as galinhas que não podem "dar" para todos os galos, tem que escolher um só." (R.C.B.).

Relatou ainda que mulheres "[...] só querem dinheiro e coisas materiais". Questionado se sua companheira (esposa) também poderia arrumar

[6] Sem registro policial.

outro relacionamento (assim como este dispõe), o participante disse que não, pois: "[...] o homem não pode sair de casa pra não perder o respeito dos filhos, se ela arrumasse pediria o divórcio." (R.C.B.).

Com relação ao casamento, afirma que:

> Os primeiros anos são bons, mais depois tudo desgasta, você enjoa da pessoa e o tesão acaba, [revela também] nunca prestei, não sou homem de uma mulher só. (R.C.B.).

Ao ser questionado sobre uma possível situação inversa, o participante foi categórico:

> Não! Não aceito, só traio minha esposa porque ela aceita as minhas traições. Só arrumo mulher do portão pra fora, só uma vez que uma amante bateu na porta da minha casa, mais eu disse pra ela que na minha casa não". (R.C.B.)
> […] as mulheres nunca conseguiram fazer os mesmos serviços braçais de um homem assim como um homem nunca daria conta de serviços domésticos. (R.C.B.)

Ao ser questionado se este realizava algum tipo de serviço doméstico, o participante respondeu que sim, porém não todos, porque alguns serviços homens não podem realizar e que "[...] o homem deve trabalhar e chegar em casa e ter suas coisas organizadas [...] É impossível se ter uma casa sem a presença de uma mulher." (R.C.B.)

O sujeito também realizou, como proposta de reflexão, uma atividade lúdica: atribuiu em uma folha em branco, características positivas, negativas e as desejáveis (segundo suas próprias perspectivas) para com sua amante. Ao dizer que a amante adora se exibir, as mulheres são feias esteticamente e que só ficam bonitas quando estão bem produzidas, e que após casarem, as mulheres não podem mais "[...] andar usando minissaias e shortinhos curtos, assim como o homem também não pode andar sem camisa." (R.C.B.).

Ao longo das reflexões propostas, R.C.B. não apresentava acreditar que em algum dia as relações de gênero possam ser desconstruídas, dizendo que: "[...] sempre foi assim, sempre vai ser." e também não se identifica enquanto "agressor", se identifica como "macho". Segundo Ciampa (2005) os seres humanos se transformam de forma contínua fazendo da identidade um processo de metamorfose, quando o indivíduo não consegue passar por tal processo entra na "mesmice de si imposta[7]" existindo, portanto, uma reposição de papéis sem o exercício da reflexão.

Para Ciampa (2005, p.205) em se falar de metamorfose como desenvolvimento do concreto, deve-se compreender que durante a vida os indivíduos passam por degraus que se sucedem, círculos que se movimentam

[7] Também podendo ser compreendida como condição de não-metamorfose.

entre si e que o processo é ao mesmo tempo de progressão e regressão. Ainda para o autor (p.206) a concretudo da identidade é sua temporalidade: passado, presente e futuro. De tal modo que:

> [...] No fundo, esse é o fulcro da questão da não metamorfose: ao conhecer a identidade como mesmice, como sempre igual a si mesma, exclui a temporalidade e, consequentemente, a diferença: então, a identidade deixa de ser a articulação da diferença e da igualdade [...] então, deixando de ser identidade essa articulação, ignorada essa unidade, a identidade se torna abstrata [...] (CIAMPA, 2005, p. 206).

Independentemente da questão temporal, o mais importante se torna conhecer as diferentes fases pela qual se dá a identidade, tomando o sujeito enquanto um ser histórico, ser social, ampliando um horizonte de possibilidades, pode ser dizer que o R.C.B–de–hoje, pode não ser o R.C.B-de-amanhã. Pois:

> […] mesmo um fato ocorrido, que é definitivamente irrecorrível, tem desdobramentos e significados imprevisíveis, bem como transformações infindáveis. De um lado, o homem é ser-posto, de outro, é vir-a-ser. (CIAMPA, 2005, p. 207).

Espera-se que as escutas realizadas para com o participante e a atividade lúdica proposta o auxiliem na tomada de consciência para a atividade reflexiva, condutora do processo de emancipação da identidade.

Participante A. N. C. e Participante A. P. S.

Ambos os participantes se expressavam de forma afetiva ao longo das escutas[8]. Apresentaram ter muito carinho para com as parceiras com as quais tiveram conflitos. Os motivos para os desentendimentos entre os casais foram atribuídos à presença de terceiros nas relações.

> Os nossos piores problemas são relacionados à mãe dela, ela interfere demais. (Participante A.N.C),
> Meu relacionamento começou a piorar depois que uma velha (amiga da conjugue) começou a intrometer, influenciou minha esposa a me trair. (Participante A.P.S).

Pode-se constatar na fala dos participantes uma alternância de papéis, mesclando-se entre o "agressor" (enquanto executor da ação agressiva) e vítima (ao tentar responsabilizar a mulher ou terceiros quanto à motivação para a agressão). Os sujeitos A.N.C. e A.P.S. relataram ter vivido uma in-

[8] Apesar de aqui estarem agrupadas, as escutas de cada participante se deram de modo individual.

fância comum, próxima aos familiares, que obtinham a figura do pai como centro, mas que não se recordavam de ter vivenciado situações de agressão entre os progenitores. O participante A.N.C. teve uma experiência de transformação e reconstrução de sua realidade a partir do momento em que reconheceu a violência enquanto algo "*errado*" e destrutivo para si próprio:

> Eu aprendi muito com o meu relacionamento, no inicio, eu me vi parecido com o meu pai, provedor, exigente, mandando algo pra mulher fazer, mais hoje em dia penso diferente, acho que as mulheres podem construir suas próprias vidas, trabalhar fora de casa, etc. (A.N.S.)

Segundo Mendes; Paulino-Pereira; Soares, (2008, p. 39):

> A cada nova situação e vida, a cada etapa do desenvolvimento pessoal, todos adquirem novos papéis, deixando os antigos, assumindo novas dinâmicas de existência. A identidade de um homem emancipado vai se materializando aos poucos. É uma identidade dialética que progride e regride que vai e vem, mas que não perde direção da emancipação. (2008, p. 39)

Ao serem indagados sobre quem eram A.N.C. e quem era A.P.S. na atualidade, os participantes revelaram que modificaram modos de pensar frente a si mesmos e a outros, adquirindo formas de resoluções de conflitos em que não fosse preciso recorrer a atividades de domínio de poder como o uso da violência física. Para Ciampa (2005, p. 219) a história de cada indivíduo não é conduzida por razões divinas que os reservariam para destinos certos e secretos, que tal concepção, "coisifica" o ser humano e lhe retira toda a plenitude do devir (vir-a-ser).

Pode-se dizer que a atividade de tomada de consciência e reflexão que ambos passaram, tornou-se condutora do processo de emancipação da Identidade. Ciampa (2005, p. 219) parte da concepção de que o indivíduo é ator e não marionete de uma produção coletiva. Os personagens são construídos, constituintes um dos outros, ao mesmo tempo em que também se criam o universo de significações que irão influenciar na constituição de tais personagens. Uma vez reconhecida à propriedade dialética da identidade enquanto metamorfose pode-se afirmar a necessidade que cada indivíduo possui de transformar a realidade em que vive, e em última instância, tentar proporcionar o movimento necessário para seu próprio crescimento.

Considerações finais

O estudo da identidade humana permite o conhecimento da construção do sujeito histórico, como também facilita o processo de entendimento sobre como os homens podem modificar-se, recriar a consciência sobre si

mesmo. Realizar um trabalho com homens em situação de violência doméstica em uma delegacia especializada no atendimento a mulher (DEAM) gerou certa empolgação, discutir formas de se enxergar o *masculino, violento, dominador, opressor*, em uma instituição de defesa do feminino.

Com relação aos participantes da pesquisa, pode-se concluir que os mesmos representam (em diversos momentos a partir das falas transcritas neste trabalho) o modelo hegemônico de masculinidade que vigora na cultura brasileira. Segundo Mendes; Paulino-Pereira; Soares, (2008, p.34) os seres humanos constroem uma imagem de si mesmo a partir das representações e experiências advindas das relações sociais: pais, família, amigos, entre outros círculos.

Neste momento se torna importante a questão da construção da identidade masculina na vida destes sujeitos e o modo como esta identidade foi norteadora para a reprodução dos seus papéis sociais enquanto homens. Deste modo, eles nasceram e foram imersos a uma cultura machista, cresceram, trocaram experiências com outros indivíduos do mesmo grupo social e interiorizaram idéias, pensamentos e valores impostos pela ordem social.

Os relatos dos participantes A.S e R. C. B. no tópico anterior evidenciam o quanto é necessário a reflexão e questionamento sobre seus próprios papéis sociais com relação masculinidade vivida. Tal tarefa não se dá de maneira simples, a identidade é um processo continuo de definição do ser sobre si mesmo, envolvem representações subjetivas sobre o 'ser' e 'estar' no mundo. Segundo Ciampa (2005, p.155) a metamorfose, transformação da condição de alienação a emancipação, depende da Atividade e da Consciência do sujeito, estando este aberto para análise de seus dados na história de vida e sua relação para com as outras pessoas (compreensão da relação indivíduo-sociedade).

De certa maneira, o encontro com participantes que reproduzissem o modelo hegemônico de masculinidade, pautado por concepções machistas onde o homem/macho tudo pode 'ser e fazer' e a mulher/fêmea tudo deve acatar e obedecer já era esperado, enquanto os índices de violência doméstica sofrem constantes aumentos. A grande surpresa se deu através do contato com homens que também são/estão inseridos na mesma cultura e desenvolvem formas de compreensão diferentes daquelas estabelecidas no contexto social.

Tal conclusão pôde ser observada a partir da fala dos participantes A.N. C. e A. P. S., no sentido de romperem (de forma gradativa) a construção individual e cultural de que homens podem agredir as mulheres e estabelecerem as normas de como as relações sociais devem se organizar. É evidente que os mesmos participantes ainda não podem ser considerados, do ponto de vista da teoria da identidade, indivíduos emancipados, (visto que não se existe a possibilidade de haver uma emancipação de forma ple-

na, pois todos os seres humanos necessitam de uma associação a um modo cultural de vida onde são estabelecidas normas e regras sociais), mas já representam um avanço nos objetivos propostos neste estudo de identificar transformações na identidade masculina.

A grande distinção dos dois últimos participantes com os dois primeiros está no fato de que vivendo a identidade masculina violenta e opressora, os mesmos, conseguiram (a partir dos seus relatos e a motivos relacionados ao final do relacionamento) refletir e suspender o papel que estavam reproduzindo e transformaram a noção existente sobre a violência, alterando o 'masculino' vivido anteriormente. Vale lembrar que o processo de construção da Identidade consiste em progressão e regressão a todos os momentos, visto que a desconstrução de valores e criação de novas concepções é uma atividade onerosa e se dá de forma paulatina.

Pode-se dizer que, ao contrário dos primeiros, os últimos dois participantes chegaram à condição de 'ser para si', aonde os mesmos venham repensar as suas próprias ações e a partir de uma atitude transformadora modificaram sua própria identidade, a partir do momento em que abandonam a necessidade do uso da violência para resolução de conflitos. A. S e R. C. B. não expressaram (ao menos de modo verbalizado) aspectos de mudanças, realizando a manutenção da mesmice, estando na condição de 'não-metamorfose'.

Esta realidade se associa a de outros participantes do estudo que são impossibilitados (pelos costumes sociais cristalizados) de se transformarem, reproduzindo réplicas da identidade masculina cunhada na cultura. Tal conservação da identidade masculina enquanto opressora e machista preserva interesses estabelecidos através do sistema socioeconômico, sendo estes convenientes e coniventes ao capital, sendo o ser humano um ator preso a "mesmice-de-si-imposta" (CIAMPA, 2009, p. 165).

Em suma, buscou se explanar neste estudo que a estrutural social e o momento histórico são importantes quando se fala de Identidade Humana. Para a Psicologia Social a tarefa aqui proposta pode ser considerada relevante: ir a campo, estabelecer contato com o objeto de estudo, refletir e problematizar práticas e ações sociais e profissionais.

Pode-se perceber que os resultados traçados nesta pesquisa ainda estão por vir, no sentido de que as transformações e mudanças subjetivas ocorrem no plano das idéias, dos valores dos indivíduos se não de forma automática. Problematizar as concepções advindas ao longo de toda uma vida, uma história de interações sociais e propor a reflexão somam o resultado da intervenção proposta neste estudo, possibilitar a reflexão, exploração dos papéis sociais consagrados por uma cultura "machista".

Estudar a Identidade Humana, enquanto categoria especifica de análise em Psicologia Social e relacionar com a produção subjetiva e social do

"homem" contribui para uma solidificação teórica de Psicologia Social comprometida com a transformação social. Fazem parte deste processo de busca de 'metamorfose': emancipação, autonomia e respeito às diferenças entre os indivíduos. Acredita-se que esta atividade não se esgota com o fim deste estudo, realiza uma ampliação ao diálogo. Buscando promover elementos teóricos e metodológicos para compreender as relações entre os seres humanos.

Os dados coletados no período de escuta, com os participantes, geraram preocupações, no sentido de que algumas falas reproduzem todo ideário machista, enquanto outras revelam (mesmo que influenciadas por diversos fatores, como o receio por estarem em uma delegacia) ideias de transformação sobre os papéis sociais do homem na sociedade atual.

Contudo, propor espaço para escuta e reflexões sobre os locais subjetivos na qual os participantes ocupam é uma tarefa gratificante, obter a percepção de que a cada escuta, os participantes se sentiam mais a vontade para descarregar suas emoções e corresponder sentimentos e ideias acerca de aspectos que são individuais.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Máquina de fazer machos**: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em http://www.docstoc.com/docs/20758400/M%C3%A1quina-de-fazer-machos-g%C3%AAnero-e-pr%C3%A1ticas-culturais-desafio. Acessado em 03 de Abril de 2012.

BÜCHELE, Fátima; CLÍMACO, Danilo de Assis; LIMA, Daniel Costa, Homens, Gênero e Violência Contra a Mulher. **Saúde Soc**. v.17, n.2, p.69 -81, 2008.

CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade, in: LANE, S. T. M. (Org.) **Psicologia Social o homem em movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo, SP. Editora Brasiliense, 2005.

DEEKE, Leila Platt. et al.**A dinâmica da violência doméstica**: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e do seu parceiro. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.2, p.248-258, 2009.

LANE, Silvia T. M. et. Al. O Processo Grupal, in LANE, S. T. M. (Org.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

MENDES, Darlene Andrade Domingues; PAULINO-PEREIRA, Fernando César; SOARES, Sandra Regina. A Identidade de mulheres após a experiência de violência sexual na infância e/ou adolescência. **Revista Interseção**, Belo Horizonte, v.1, n. 2, p.31-41, abr. 2008.

PAULINO-PEREIRA, F. C. Ampliando a Discussão sobre a Teoria da Identidade e Emancipação Humana. In: **"Memória se faz na História"**: um estudo da identidade de metodistas militantes sociais orientados pela teologia da libertação. Tese de Doutorado, São Paulo, PUC-SP, 2006.

PELISSARI, Mariá A. **O diário de campo como instrumento de registro.** Piracicaba/SP, 1998 (mimeo).

ROSA, Antônio Gomes et al. A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. **Saúde Sociedade**. São Paulo, v. 17, n.3, p. 152-160, 2008.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Revista Educação e Pesquis**a, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-446 set/dez, 2005.

Artigo recebido em 09/10/2012 e aceito para publicação em 14/12/2012